



José Cardoso Pires

Em pedra viva

QUANDO O tempo é de sol, na rua Augusta surge uma estátua viva com o arco monumental em fundo a separá-la do Tejo. É uma figura conhecida, faz parte da geografia de Lisboa. Um cidadão tão só, tão consigo mesmo, que chega ali, monta um estrado e fica de pedra horas sem fim. Nesse momento o relógio municipal que domina aquela rua e toda a Baixa da cidade parou (pelo menos para mim) e eu pasmo, alumbrado e enigmático, diante daquele homem feito estátua, ou seja, daquele homem “fechado como uma pedra pedríssima”, para usar uma expressão de Herberto Helder, poeta das minhas horas preferidas.

Aparece de repente, vindo não se sabe donde, e fica imóvel como se fosse eterno no meio duma população ambulante com horas e dias contados. Que vida esta, a de um homem se tornar monumento de si mesmo, alheio ao mundo que se agita à sua volta. Que arte, a dele, em se desligar assim do tempo e da vida que o rodeia. É realmente uma personagem dos poemas de Herberto Helder, insisto eu ao olhá-lo, alguém “de rosto difuso/ a fantasia minuciosa./ A solidão.”

A dois passos dele, no Rossio, tenho a estátua do imperador Maximiliano do México a fingir que é o Dom Pedro IV de Portugal e, bem ou mal, ainda hoje se está para saber porque é que o escultor francês encarregado de figurar o nosso rei não esteve para se chatear e mandou-nos em faz-de-conta um Maximiliano qualquer que tinha lá no “atelier”. Mais adiante, no Saldanha, ergue-se o Marechal propriamente dito em bronze verde, disfarçado de militar honrado, e algures, num barracão da Câmara, não sei onde, guarda-se a estátua do Carmo na que subiu a marechal tralfulha ao pé coxinho e foi apeado em boa hora pelo 25 de Abril. Na Praça da Figueira, onde antigamente havia um belo mercado em dignidade arquitectónica, puseram um cavalo militar cheio de farroncas, sem

Eu todos os anos espero por ele como a Primavera espera pelas andorinhas. E ei-lo que aparece, pontual, com a malinha dos pertences onde guarda o pó de talco com que faz a máscara do rosto, os olhos postiços que cobrem os verdadeiros para se distanciar do mundo real e o diploma do “Guinness Book”, seu alvará e sua glória.

préstimo para coisa nenhuma e muito menos para a paisagem. Na Praça de Alvalade, um mestre piedoso e de mão grosseira moldou um Santo António de bronze que é coisa de arrepiar os céus — e por aí fora, por aí fora, não faltam em Lisboa monumentos de memória falsa ou fantasmas mal engomados com a assinatura de Leopoldos de Almeida, Martinzes Correias ou Antónios Duarte, qual deles o mais coitadinho.

O homem-estátua da rua Augusta, não. É uma verdade que se sobrepõe ao mundo que o rodeia. Um artista sem ninguém a desafiar o tempo, alguém que se honra de ter ganho o seu Nobel no “Guinness Book”, com o prémio máximo da 15 horas de imobilidade. Quinze horas de estátua, meu Deus. Que coragem, que vida secreta, que mistérios podem alhear alguém de si mesmo para atingir esse limite.

Eu todos os anos espero por ele como a Primavera espera pelas andorinhas. E ei-lo que aparece, pontual, com a malinha dos pertences onde guarda o pó de talco com que faz a máscara do rosto, os olhos postiços que cobrem os verdadeiros para se distanciar do mundo real e o diploma do “Guinness Book”, seu alvará e sua glória.

Há comerciantes que lhe pedem para se fazer estátua à sua porta, outros,

pelo contrário, que chamam a polícia para o expulsar para longe. Mas cá por mim onde ele fica melhor é diante da Casa Pereira da Conceição, um dos estabelecimentos mais requintados do comércio da cidade.

Ali é que eu o acho em perfeito enquadramento. Depois virá o Outono, a chuva, e sem dar por isso a Baixa de Lisboa esquece-se dele e fica reduzida à estátua do imperador transviado do Rossio que escorre verdete e má consciência, batida pelos aguaceiros.

Mas este ano, em plena estação da chuva, tive a felicidade de o ver. Não em estátua, parado no tempo, mas no ecrã do televisor, em pessoa e ao real, numa entrevista da RTP.

E, palavra, foi um dos melhores momentos da televisão esse brevíssimo encontro com o herói anónimo da nossa Lisboa ao sol. Um português modesto, carregado de solidão, que afinal tem sido estátua noutras capitais da Europa, indiferente à incompreensão e ao menosprezo, alguém que faz arte para si próprio e para o raro admirador de circunstância.

Contou como nas suas horas de imobilidade, em vez do mundo real, via um desenrolar de pequenas imagens de caleidoscópio (a tal fantasia minuciosa, lembro eu, do poema de Herberto Helder). E falou das más vontades da polícia e dos burgueses em trânsito; dos comentários ao acaso; do prazer de viver uma arte muito sua dentro dum universo em movimento. Por fim, quando o entrevistador lhe perguntou qual a estátua que mais gostaria de fazer, oh, aí teve um sorriso de felicidade sentida, um desejo maior que tudo o mais: “A Estátua da Liberdade”, disse então.

Agora faltam-me seis ou sete meses para o tornar a ver em pedra viva, como uma ilustração nobre da cidade. Seis, sete meses, é muito tempo, tenho de reconhecer. Tempo de mais. Tempo de mais. ●